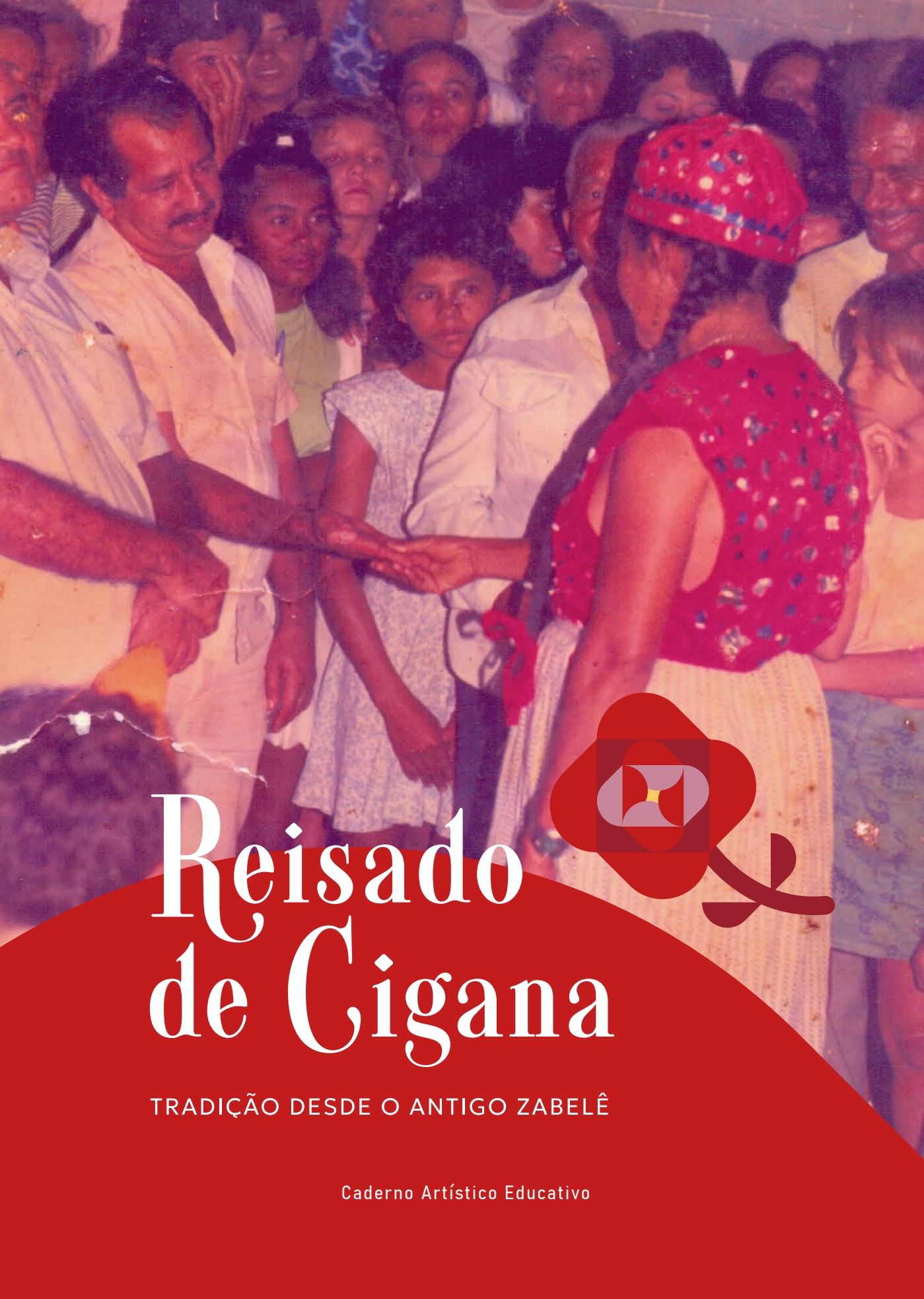




Reisado de Cigana

TRADIÇÃO DESDE O ANTIGO ZABELÊ

Caderno Artístico Educativo

Alessandra Ribeiro Parente Paes (Org.)

Isabela Barbosa Rodrigues (Org.)



Reisado de Cigana

TRADIÇÃO DESDE O ANTIGO ZABELÊ

1ª Edição

Universidade Federal do Vale do São Francisco

Juazeiro - BA, 2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO RIO SÃO FRANCISCO
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS
CAMPUS JUAZEIRO

Reisado de Cigana: Tradição desde o Antigo Zabelê

Este Caderno Artístico Educativo faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Vale do Rio São Francisco, da discente **Alessandra Ribeiro Parente Paes**, que acompanha a pesquisa “Reisado de Cigana do povoado Zabelê: proposta de arte-educação para uma comunidade em reconstrução no semiárido piauiense”.

Orientadora: Prof. Dra. Isabela Barbosa Rodrigues

Juazeiro, 2026.



Texto, design, ilustrações e diagramação:

Alessandra Ribeiro Parente paes



Dedicatória

Dedico este projeto a todos que brincaram e ainda brincam nossas tradições.

A todos os meus ancestrais, que vieram e fizeram seu caminho no Zabelê.

Às minhas queridas amigas e parentes,
Dona Alberta, Dona Erotides, Zilda, Nazaré,
Cláudia e Fátima, agradeço pelos momentos
de troca e apoio.

Às minhas tias-avós, que brincaram o Reisado de
Cigana e que se encantaram durante esta pesquisa
— Tia Graça e Tia Netila, amo vocês!

Alessandra Ribeiro Parente Paes



Introdução #9

Antigo Zabelê #10

Novo Zabelê #16

Reisado de Cigana #18

Atividade educativa - Mãos a obra

**Como fazer um pandeiro
de reisado #28**

Atividade educativa - Reflexão e Visualidade

**Cosmomapa: trabalhando
Arte com Memória,
Ancestralidade e
Território #30**

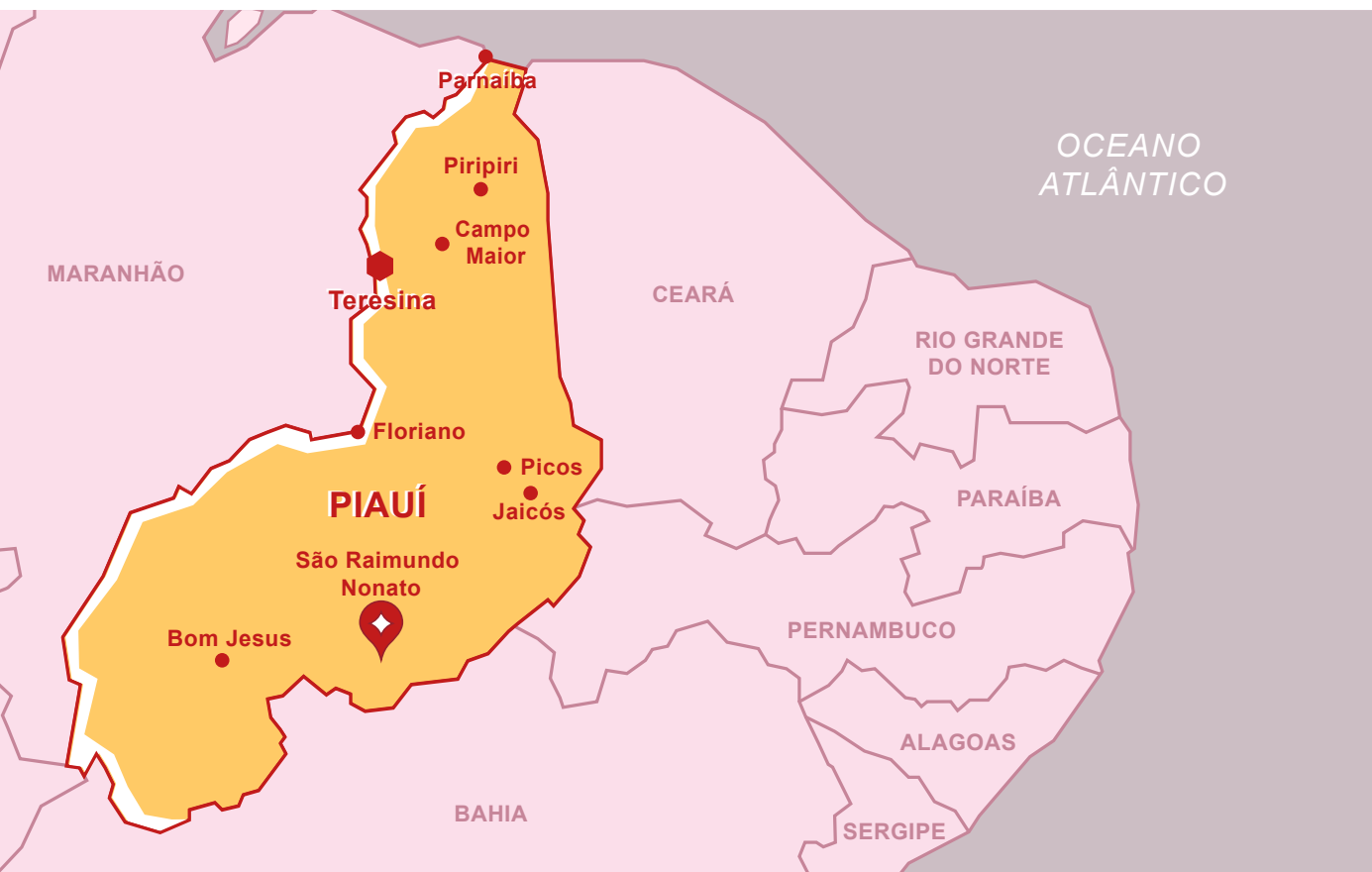
Referências Bibliográficas #35

Introdução

Segundo o mito de criação, o povoado do Zabelê surgiu em 1902, devido à grande expansão do comércio do látex da maniçoba desde o final do século XIX, no sudoeste do Piauí. Segundo o mito de criação, o povoado do Zabelê surgiu em 1902, devido à grande expansão do comércio do látex da maniçoba desde o final do século XIX, no sudoeste do Piauí. Com quase 90 anos de existência, a comunidade sofreu um deslocamento forçado devido à criação do Parque Nacional da Serra da Capivara, o que interferiu na continuidade de seus modos de vida, além de resultar na perda de suas terras ancestrais e de seu sustento.

Este material foi elaborado para a preservação e continuidade de uma das tradições desse povoado campesino: o Reisado de Cigana, identificado em até três gerações e remontado no Novo Zabelê, região rural de São Raimundo Nonato. O folguedo era formado majoritariamente por mulheres jovens e atraía visitantes de diversas regiões para a localidade. A pesquisa foi realizada por meio da oralidade, com depoimentos de mulheres que participaram ou testemunharam a tradição desse Reisado. Também foram consultados artigos, livros e documentos que reconstituem o contexto sócio-histórico do Zabelê, além de realizadas visitas de campo.

Por fim, são propostas duas atividades que podem ser ministradas em escolas, oficinas, museus, ambientes institucionais, espaços formais e não formais, voltadas para a educação em arte no contexto de memória, ancestralidade e território.



Antigo Zabelê

No ano de 1989, o povoado do Zabelê realizava sua última confraternização, que seria a de despedida do seu território. Sanfoneiros tocaram até o amanhecer, versos em cordel foram recitados, uma quadrilha junina tradicional se apresentou, unindo dezenas de jovens. No palco improvisado, moradores apresentavam seu modo de vida, suas tradições e suas histórias.

A comunidade do Zabelê estava localizada nos limites do que é hoje o Parque Nacional Serra da Capivara, a cerca de 45 km da cidade de São Raimundo Nonato, no sudoeste do Piauí. De clima semiárido, tem predominância da caatinga e possui uma grande variedade de biodiversidade. O parque foi criado para fins científicos, culturais, recreativos e educativos, foi tombado como Patrimônio Mundial pela Unesco em 1991 e inscrito no livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico pelo IPHAN, em 1993.

O que são modos de vida e culturas tradicionais?

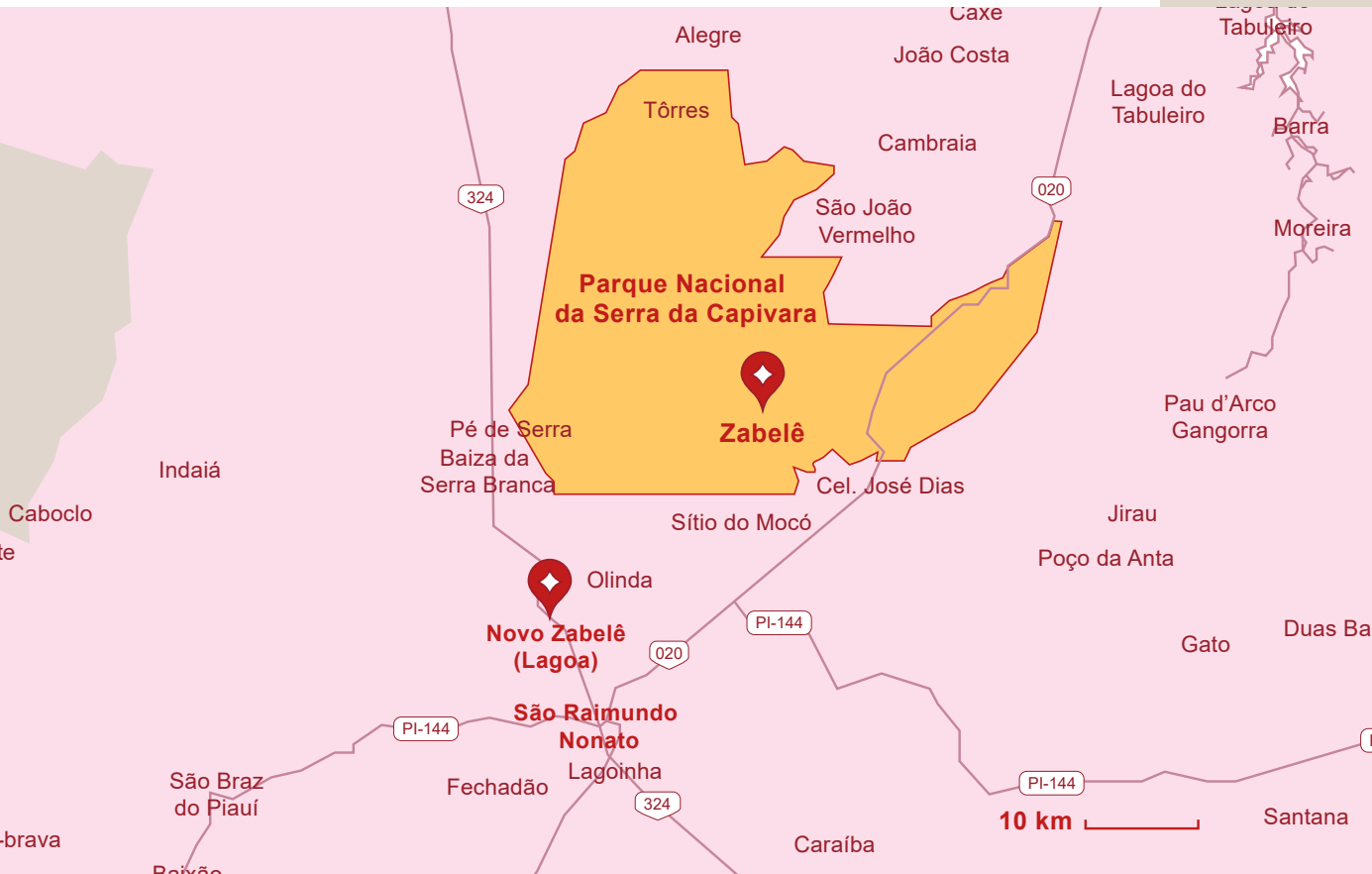
Modos de vida são as formas das dinâmicas do cotidiano, como agir, como fazer, de qual forma, moldando indivíduos e grupos em suas relações com o outro e com o meio onde vivem. As culturas tradicionais surgem do modo único como essas formas são elaboradas e repassadas de geração em geração.

<< Página anterior

Cima:
Mapa com a localização do antigo povoado do Zabelê e do Novo Zabelê;
Fonte: Google Maps, 2025

Baixo esquerda:
Despedida do antigo Zabelê, 1989.
Fonte: Acervo pessoal, Fátima

Baixo direita:
Placa que indica o povoado Zabelê dentro do Parque nacional da Serra da Capivara.
Fonte: Registro de Alessandra Paes





A criação do Zabelê tem como figura central o colono Vitorino Paes Landim, que foi premiado pelo Império do Brasil com vastas terras por expulsar os indígenas da região; dentre elas, a Fazenda Serra Nova (futura Várzea Grande) prosperou pela extração e comercialização do látex de maniçoba, principalmente no final do século XIX e começo do século XX. A possibilidade de muitos ganhos com a extração do látex trouxe muitos migrantes para a região, de outros municípios piauienses e de estados vizinhos. O povoado do Zabelê foi fundado dentro desse contexto socioeconômico pelos netos do Sr. Vitorino e por migrantes, em 1902.

A comunidade do Zabelê, de tradição campestre, promovia a agricultura familiar e a criação de animais para sua subsistência; também comercializavam pequenas quantidades de algodão e mamona para a compra de outros itens. O modo de vida se baseava na relação com a terra, com a natureza ao redor, na oralidade e no compartilhamento das tradições, como a Farinhada, o Dia da Fogueira, a Festa Junina, o Teatro, assim como o Reisado de Cigana, que teve ao menos três gerações entre as moças do povoado.

Com a criação do parque, cerca de 80 famílias foram removidas da área, incluindo comunidades inteiras, como o povoado do Zabelê. Muitos indivíduos foram morar nas margens de São Raimundo, e alguns migraram para outros estados.

<< Página anterior

Cima:

Mesas naturais próximas às grungas onde os moradores do Zabelê buscavam água no período de estiagem.

Fonte: Registro de Alessandra Paes

Meio:

Tanque grande quando o povoado Zabelê era habitado, provavelmente na invernada.

Fonte: Acervo pessoal, Alberta Maria

Baixo:

Escola do Antigo Zabelê

Fonte: Registro de Alessandra Paes

Quais alimentos eram cultivados no Zabelê?

O cultivo de abóbora, arroz, feijão, mandioca, milho e a comercialização de pequenas quantidades de algodão e mamona que serviam para a compra de demais itens de alimentação, como sal e óleo. Nos quintais também havia árvores frutíferas, como laranjeiras.

Glossário:

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, autarquia federal brasileira, vinculada ao Ministério da Cultura, responsável por preservar, proteger e promover o Patrimônio Cultural do Brasil, atuando na proteção de bens materiais (como igrejas, centros históricos, sítios arqueológicos) e imateriais (como tradições, festas, saberes, celebrações).





Novo Zabelê

*"Nós somos o começo, o meio e o começo.
Existiremos sempre, sorrindo nas tristezas
para festejar a vinda das alegrias.
Nossas trajetórias nos movem,
Nossa ancestralidade nos guia."*

Nego Bispo

Opovo do Zabelê vivia praticamente do campo, então, com a separação de suas terras de origem, a vida ficou mais difícil. Do antigo Zabelê, só restaram a antiga escola e o cemitério; as casas e a igreja foram demolidas, e a santa padroeira da comunidade passou para a igreja do Paraíso, em São Raimundo Nonato.

Após quase dez anos da dispersão do povoado, em 1997, parte do povo do Zabelê conseguiu se alocar em novas terras, em um reassentamento conduzido pelo IBAMA e pelo INCRA. No entanto, precisavam se adaptar a novos desafios e enfrentamentos, como batizar o lugar como Novo Zabelê, para enfatizar o recomeço e homenagear o antigo povoado. Depois, foram se adequando, escolhendo os espaços de moradia e a terra de plantio.

A nova comunidade se localiza na zona rural de São Raimundo Nonato, cerca de 10 km da sede, bem próxima à Serra Vermelha, uma das entradas do Parque Nacional Serra da Capivara. Alguns indivíduos trabalham na cidade, e outros trabalham no próprio território, com agricultura familiar, criação de bovinos, ovinos, caprinos, suínos e avicultura. Destaca-se a produção de mel, com uma fábrica de uso comum instalada no povoado. Também há o cultivo de algodão orgânico, exportado para o exterior, e algumas famílias também trabalham com o selo agroecológico de produção de alimentos orgânicos.

[<< Página anterior](#)

Esquerda:

Igreja do antigo povoado Zabelê

Fonte: Acervo Museu do Zabelê - Muzab

Direita:

Ocupação do Novo Zabelê

Fonte: Não encontrada

Esta Página

Esquerda:

Farinhada no Novo Zabelê

Fonte: Acervo pessoal, Alberta Maria

Direita:

Horta da moradora Cláudia, Novo Zabelê

Fonte: Registro de Alessandra Paes

🕒 que é uma farinhada?

Momento coletivo da comunidade, onde era feita a colheita da mandioca para a produção de farinha e goma. Essa socialização permitia a aproximação dos viventes que, no meio do trabalho, tinham muita conversa e beiju feito na hora.

A escola municipal é a única da comunidade e desempenha um papel fundamental na conexão dos mais jovens com a história do território antigo e seus modos de vida. A Unidade Escolar Elzair Rodrigues de Oliveira foi nomeada em homenagem a uma professora do antigo Zabelê que já ancestralizou e atende alunos até o nono ano.

Hoje, a comunidade do Novo Zabelê possui um turismo de base comunitária, respaldado nas experiências dos anciões. Quase toda a semana, recebem excursões de todos os lugares do Brasil, com duas atividades na programação: almoço com produtos derivados da agroecologia de quintal e, por último, um café com oralidade, onde os anciões contam as histórias do Zabelê.

Museu Muzab

No Novo Zabelê também existe um museu, o Muzab, que conta a história do Zabelê. Ele possui um acervo de registros antigos e utensílios usados no cotidiano da comunidade.

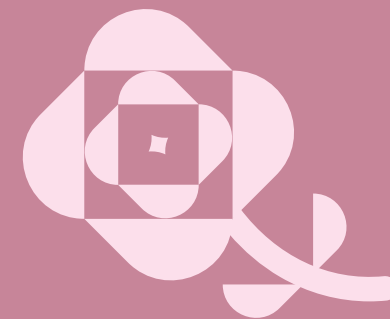
Glossário:

SRN - Sigla de São Raimundo Nonato

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PNSC - Parque Nacional da Serra da Capivara

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.



Reisado de Cigana

Tradição cultural do povo do Zabelê

O Reisado de Cigana do Antigo Zabelê era feito na época da Folia de Reis, entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro. O cortejo era formado majoritariamente por mulheres e teve ao menos três gerações, cada uma com seus cânticos únicos. Nos festejos mais antigos, participavam apenas mulheres jovens e solteiras, o que foi mudando com o tempo. Como não há registros escritos sobre a Folia, o conhecimento do festejo era passado de geração em geração pela oralidade e pela memória, através da vivência que envolvia toda a comunidade. Por questões de sobrevivência da tradição, as mulheres mais velhas começaram a se apresentar em festas e comemorações fora da época de Reis. Quando surgiu a nova comunidade, as detentoras buscavam incentivar as mais jovens e apresentar algo de que tinham muito orgulho em expressar.

<< Página anterior

Reisado de Cigana na despedida do antigo Zabelê em 1989.
Fonte: Acervo pessoal da Sra. Odete

Elementos visuais no Reisado de Cigana do povoado Zabelê

O Reisado de Cigana do Zabelê traz muitos elementos visuais que eram feitos pelas próprias participantes e pela comunidade: desde o figurino das participantes, os pandeiros que elas faziam com material reciclado, as flores, o cesto e outros enfeites.

As mulheres se vestiam com uma blusa vermelha com vários papéis brilhantes colados e saia comprida estampada (ou não) até a altura da canela. Os cabelos eram separados em duas tranças negras bem longas, e se o cabelo fosse curto, utilizavam tecido escuro para alongar. Nas orelhas, colocavam um brinco feito de flor de caroá, planta típica da caatinga, e na cabeça, um chapeuzinho vermelho ou uma coroa dourada. Em uma das mãos, elas seguravam um pandeiro feito de lata, de óleo ou de marmelada, e enfeitado com pontos de papel brilhante. Na outra mão, seguravam uma cestinha com flores de papel de seda que perfumavam e trocavam por gorjetas. Usavam também relógio, pulseiras e colares de metal brilhante.



Esta página

Ilustração reproduzindo os elementos de estilização do Reisado de Cigana.

Fonte: Criação da autora

Técnica: nanquim sobre papel com acabamento digital

Próxima página >>

Apresentação na fase do Novo Zabelê.

Fonte: Acervo pessoal da Sra. Alberta

O que é Reisado?

Conhecido também como Terno de Reis ou Folia de Reis, o Reisado tem origem no continente europeu, sendo muito popular na Península Ibérica, em Portugal e na Espanha. É uma celebração dedicada aos três reis magos, na qual os foliões saem às ruas em grupo para anunciar o nascimento de Cristo com cantigas variadas, indo de casa em casa, sendo agraciados com comida ou gorjeta.

No Brasil existem diversas composições de Reisado; a mais comum é composta por Rei e Rainha, com músicos e palhaços, mas também existem formações com o Boi, a Cuca, o Lobisomem e outras figuras. O Reisado é considerado uma manifestação cultural imaterial, com origem na colonização portuguesa, que mistura temas da religiosidade cristã, da cultura europeia e da cultura afro-indígena brasileira.





Reisado de Cigana na despedida do antigo Zabelê em 1989
Fonte: Acervo pessoal da Sra. Erotides

Reisado de Cigana

Cantado por Dona Erotides,
tradição da 3ª geração do povoado Zabelê

*Pelas ruas da cidade, alegre vamos cantando
Para a casa do gajão, sorrindo vamos chegando
Pelas ruas da cidade, alegre vamos cantando
Para a casa do gajão, sorrindo vamos chegando*

*Contemplando o nascimento de Jesus o Redentor
Pelas ruas da cidade buscando paz e amor
Contemplando o nascimento de Jesus o Redentor
Pelas ruas da cidade buscando paz e amor*

*Borboletas são bejantes
Somos nós a vida errantes
Colhendo riso e flores com destino radiante
Borboletas são bejantes
Somos nós a vida errantes
Colhendo riso e flores com destino radiante*

*Ciganinha vem de longe, vem de ler a minha mão
Vem dizer o meu destino e alegrar meu coração
Vem ouvir essa cigana e acorde que a noite é linda
Neste teu lento perfume no clarão da luz enfim*

*O abre alas, nobre gente
Nosso terno quer passar
Nós teremos o direito de também se arretirar*

*O senhor dono da casa que tem um grande valor
Vem abrir a vossa porta receber nosso senhor*

*Contente abre a porta queremos entrar
Por nós garantimos de não demorar
Contente abre a porta queremos entrar
Por nós garantimos de não demorar*

*Abre vossa porta do vosso sobrado
Para ver a cigana dançar requebrado
Abre vossa porta do vosso sobrado
Para ver a cigana dançar requebrado*

*A cigana se alegre gosta de dançar
Com o moço elegante para ela sambar
A cigana se alegre gosta de dançar
Com o moço elegante para ela sambar*

*Somos ciganinhas iaiá e bonitinhas também
Temos o nosso segredo é não conto a ninguém
Somos ciganinhas iaiá e bonitinhas também
Temos o nosso segredo é não conto a ninguém*

- Leitura da mão do dono da casa -

*Gajão tu deixas que eu leia
em tua mão um segredo
E não me olhes assim,
não fiques com tanto medo
Tão grande é o seu coração,
que tem mais de uma paixão*

*Gajão tu deixaste que eu diga
o que dirás tua sorte
Eis de morrer bem velhinho
que não sentirás a morte
Deixa a cigana cantar
mas você vai ter que pagar*

- Finalização -

*Esta hora de voltarmos
vamos levando saudade
nós fomos bem recebidas
com toda amabilidade
nunca mais esqueceremos da vossa delicadeza
ficamos escravizadas pela vossa gentileza
ficamos escravizadas pela vossa gentileza*

- Boa noite!





A composição principal era de ao menos doze mulheres, vestidas como ciganas, e ao menos quatro músicos: o sanfoneiro, o zabumbeiro, o pandeirista e o percussionista com o triângulo. O cortejo seguia com os músicos à frente e as mulheres em dupla atrás, segurando cada uma a ponta de um arco que era enfeitado com flores e iluminado por lampiões.

As mulheres do Reisado passavam de casa em casa entoando cânticos. A comitiva era muito alegre; quando encontravam um moço, elas liam sua sorte em forma de cantiga rimada, na base do improviso, normalmente fazendo graça ao final para receberem a gorjeta. O Reisado do Zabelê era convidado a se apresentar em outras comunidades e até em outras cidades, e também recebia muitos visitantes na comunidade.

É importante apontar que o Reisado de Cigana do Zabelê não tem relação direta com a cultura dos povos ciganos; trata-se de uma tradição secular que, em um determinado momento, assimilou a imagem da cigana e alguns dos seus aspectos culturais em processo de estilização.



Esta página

Ilustração que remete a formação do Reisado de Cigana no Zabelê seguindo as informações orais recebidas.

Fonte: Criação da autora

Técnica: nanquim sobre papel com acabamento digital



Esta página

Cesto de flores e flor que fazia parte do figurino do Reisado de Cigana feito pela Sra. Nazaré.

Fonte: Registro Alessandra Paes



Acesse o minidoc



Link: <https://reisadozabele.com.br/>

Como fazer um pandeiro de Reisado

Um dos instrumentos mais importantes para o figurino da cigana no Reisado é seu pandeiro. Antigamente, as mulheres faziam esse instrumento com latas de metal, o que garantia uma sonoridade alta para o cortejo. Nesta atividade, o pandeiro pode ser montado com materiais recicláveis, como potes de doce e papelão. Confira os materiais necessários e siga as instruções:

MATERIAIS

- Tampinhas de garrafa pet (6 para cada estudante)
- Potes de doces de plástico (1 para cada pandeiro) ou papelão
- Fita adesiva do tipo fita crepe
- Tinta acrílica colorida
- Arroz
- Material para adorno: fitilho; pontinhos de luz, fitas coloridas, papel laminado, fitas adesivas coloridas e outros materiais
- Cola para plástico ou cola quente (manuseada pelo instrutor)

Próxima página >>

Primeira imagem: pandeiro de pote de plástico como base; segunda imagem: pandeiro feito de papelão.
Fonte: Registro Alessandra Paes.

PASSO A PASSO:

1. Dar uma base nos potes de doce com tinta branca.
2. Após secar, pinte apenas as laterais; no papelão, pode colocar colagem de papel laminado em cima.
3. Faça um furo na parte baixa de uma das laterais.
4. Pegue duas tampinhas, coloque um pouquinho de arroz e feche nas laterais com fita crepe. Repita até ter de três a quatro unidades.
5. Cole nas laterais do pandeiro com espaçamento igual (cola para plástico ou cola quente).
6. Espere secar e chegou a hora de enfeitar!

NOTAS

Como alternativa de material, pode-se utilizar o papelão para fazer a base do pandeiro.

- Use uma base circular para a tampa.
- Cortar uma tira que dê a volta inteira na tampa e juntar com cola rápida ou cola quente.
- Seguir o passo a passo.



ATIVIDADE EDUCATIVA: REFLEXÃO E VISUALIDADE

Cosmomapa: trabalhando Arte com Memória, Ancestralidade e Território

Uma educação em arte apoiada na memória, ancestralidade e território repensa o modelo hegemônico do fazer artístico. Em vez de referências coloniais e centralizadas, a experiência das margens é valorizada: tradições culturais, oralidades, modos de vida e narrativas ancestrais. Deste modo, a abordagem respeita a identidade, a diversidade e a cosmovisão que compõe um sujeito.

Para o pensador Nego Bispo, o território é a base para a comunidade, o vínculo acontece de maneira que o ser se liga ao meio ambiente como uma peça vital do seu sistema. Se não houver essa ligação de compartilhamento, estamos apenas habitando, como lemos no trecho abaixo:

Chegamos como habitantes, em qualquer ambiente, e vamos nos transformando em compartilhantes. No quilombo, somos compartilhantes, desde que tenhamos nascido aqui ou que tenhamos uma relação de pertencimento. E quando digo da relação de pertencimento com o quilombo, falo de uma relação com o ambiente como um todo, com os animais e as plantas. Somos apenas moradores quando não temos uma relação de pertencimento, quando estamos aqui, mas partimos na primeira possibilidade que tivermos (Santos, 2023, p.22).

SANTOS, Antonio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama. 2023

O que é cosmovisão?

Cosmovisão se refere ao modo como uma pessoa ou determinado grupo enxerga o mundo: seu modo de vida, suas crenças e valores, seu mito de criação, sua relação com o meio e com outros seres vivos, resumindo, o que fará sentido para sua existência.

Próxima página >>

Montagem do Cosmomapa. Colagem digital.
Fonte: Alessandra Paes.



Rosana Paulino é uma artista contemporânea brasileira conhecida por suas obras que evocam memória e ancestralidade. Em “A Parede da Memória”, suas lembranças são transformadas em uma série com inúmeros patuás (amuletos de proteção) de tecido onde a artista imprime retratos dos seus familiares. Em depoimento Rosana Paulino fala sobre a obra:



Parede da memória, 1994 Rosana Paulino
Tecido, microfibras, xerox, linha de algodão e aquarela 8,00 cm x 8,00 cm
Fonte: Registro da Bienal SP, 2023

(...) o que eu gosto de trabalhar é com a foto já feita, ela tem carga de afeto muito grande. Mexer numa caixa grande de fotografia, eu posso me aprofundar, saber melhor quem eu sou. Quem eram meus antepassados, quem eram meus parentes. Tem a questão da multidão. Você ignora uma dessas pessoas na multidão, mas você não ignora os 1300 olhos, pares de olhos em cima de você. São onze fotografias que vão se colocando como se fosse um jogo. Elas aparecem de forma repetitiva, elas aparecem separadas, aparecem formando grupos. Funciona como um jogo da memória (ANTONACCI, 2021, p.20).

ANTONACCI, Célia Maria. Aparentamentos da arte africana e afrobrasileira contemporânea: políticas e poéticas. São Paulo: Invisíveis Produções, 2021.

Para essa proposta de atividade educativa, sugere-se a montagem de um “Cosmomapa”, em que cada participante poderá criar um projeto visual com representações figurativas e simbólicas para representar uma narrativa vivenciada em seu território: seja uma história contada por seus pais ou avós, uma experiência vivida coletiva ou individualmente, ou um mito de um lugar compartilhado pela comunidade.

Nesse exemplo, na página anterior, é apresentada uma colagem digital na qual a autora retrata a ligação de sua família com o território do Antigo ao Novo Zabelê, sobrepondo seus antepassados a paisagens e alguns mapas: “Meus trisavós estiveram presentes desde o início da comunidade, em 1902. Eles criaram seus filhos e netos, e a terra possibilitou a continuidade das gerações futuras. São memórias de família, mas que são compartilhadas por muitos que têm suas histórias invisibilizadas.”

PRÁTICA COLETIVA

ETAPAS

Parte 1

- Leitura e diálogo sobre obra de Rosana Paulina “Parede da Memória” 1994:
- Leitura e discussão do trecho do texto de Nego Bispo, Santos (2023), sobre território e o texto sobre cosmovisão.
- Diálogo sobre família, comunidade, território e ancestralidade.

Parte 2

Parte prática: trabalhar com composição e colagem de acordo com o tema memória e ancestralidade.

Parte 3

Montar uma exposição com os trabalhos realizados

MATERIAIS

Parte 2

- Material para recorte que tenha fotografias diversas: livros, revistas e demais publicações.
- Tesouras
- Cola e pincéis (para facilitar a aplicação)
- Papel de gramatura alta para montar as composições

Parte 3

- Para a montagem da exposição, pode-se utilizar uma corda de algodão (ou outro material) para fazer um varal e pregadores.
- Também podem ser encontrados outros formatos para expor os trabalhos: como uma exposição virtual ou um grande painel coletivo.

DINÂMICA

Fazer a montagem de uma narrativa lógica com recorte de imagens, mapas e ilustrações. Pode haver algum acordo inicial sobre o número ou a dimensão das imagens. As composições serão apresentadas por cada autor aos outros participantes e, por último, pode ser feita uma exposição com os trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Marcelo. O Contracolonialismo de Nêgo Bispo. YouTube, mar. 2023. 46min54s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gCTz-kw1390>. Acesso em: 08 dez. 2025.

ANTONACCI, Célia Maria. Aparentamentos da arte africana e afrobrasileira contemporânea: políticas e poéticas. São Paulo: Invisíveis Produções, 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é folclore. 1º edição. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2025. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/constituicao1988/arquivos/ConstituicaoTextoAtualizado_EC%20136.pdf. Acesso em: 07 dez. 2025.

BRASIL. Decreto Nº 83.548 de 05 de junho de 1979. Dispõe da criação do Parque Nacional da Serra da Capivara. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-83548-5-junho-1979-432852-publicacaooriginal-1pe.html#:~:text=Cria%2C%20no%20Estado%20do%20Piau%C3%A-D,espec%C3%ADfica%20e%20da%20outras%20provid%C3%AAncia>. Acesso em: 24/11/24.

BRASIL. Lei Nº 601, de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Brasil Imperial. Rio de Janeiro, RJ: Publicada na CLBR, 1850.

CASCUDO, Luís da Câmara. Antologia do Folclore Brasileiro Vol. 2. 1º ed. São paulo, SP: Global Editora, 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10º ed. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 1998.

FOLIA de Reis: Iphan seleciona organização para processo de registro. Agência Gov, 06 nov. 2025. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202311/iphan-seleciona-organizacao-para-o-processo-de-registro-dos-reisados-e-folias-de-reis>. Acesso em: 08 dez. 2025.

GODOI, Emília Pietrafesa de. O trabalho da memória: Cotidiano e História do Sertão do Piauí. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. São Raimundo Nonato, Piauí: 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/sao-raimundo-nonato/panorama> Acesso em 07 dez. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Dossiê de Candidatura do Parque nacional da Serra da Capivara na UNESCO. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20SERRA%20DA%20CAPIVARA_pt.pdf. Acesso em: 08 dez. 2025.

LANDIM, Joseane Pereira Paes. Serra Branca dos maniqueiros: um conjunto habitacional sob rocha que (sobre)vive na memória. (Dissertação) - Programa de Pós – graduação em Preservação do Patrimônio Cultural, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014.

OLIVEIRA, Jaime de Santana; BORGES, Jôina Freitas. Sociedade, Arqueologia e Patrimônio: As relações de pertencimento da Comunidade Zabelê com a área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara (PNSC). HISTÓRIA UNICAP, Recife, PE, Brasil, v. 2, n. 3, p. p. 108–121, 2015. DOI: 10.25247/hu.2015.v2n3.pp.108-121. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/579>. Acesso em: 24 nov. 2024.

PAREDE da memória. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/104097-parede-da-memoria>. Acesso em: 16 de novembro de 2025. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

POMPA, M. Cristina. O Parque Nacional Serra da Capivara: um drama social. [Mimeo]. São Raimundo Nonato, 1987.

POMPA, M. Cristina. Relatório da Missão de Levantamento na área do Parque Nacional “Serra da Capivara [Mimeo]. São Raimundo Nonato, 1987.

São Raimundo Nonato – Parque Nacional Serra da Capivara. IPatrimônio. Disponível em: https://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2017/04/Dossie-SERRA-DA-CAPIVARA_pt.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

SANTOS, Antonio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama. 2023.

SILVA, C. dos S. Patrimônios em Disputa: Conflitos ocasionados no processo de criação do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí. Revista Historiar, [S. l.], v. 11, n. 20, p. 48–62, 2021. Disponível em: [//historiar.uva-net.br/index.php/1/article/view/323](http://historiar.uva-net.br/index.php/1/article/view/323). Acesso em: 5 dez. 2025.

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de. Deslocamento forçado de posseiros e pequenos proprietários do Parque Nacional Serra da Capivara: Estratégia de proteção ambiental ou violação de direitos humanos. Revista do Mes-trado em Direito, Brasília, V. 5, n.º 2, p. 410-429, Jul-Dez, 2011. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rvmd/article/view/3000/1935>. Acesso em 24/11/24.

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de. O Povo do Zabelê e o Parque Nacional Serra da Capivara no Estado Piauí: tensões, desafios de gestão principio-lógica da complexidade constitucio-nal. Brasília, Tese (Doutorado) Uni-versidade de Brasília - UnB, 2009.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a pers-pectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira - Londrina: Eduel, 2015.

UNESCO - World Heritage Conven-tion 1992-2006. Documents: Serra da Capivara National Park. Disponí-vel em: [whc.unesco.org/documen-t/153867parte1.pdf](http://whc.unesco.org/document/153867parte1.pdf) Acesso em: 10 jul. 2025.

ENTREVISTAS

Alberta Maria, 80 anos - Novo Zabelê 2024

Claúdia, 47 anos - Novo Zabelê. 2024

Erotides, 84 anos - Novo Zabelê, 2025

Fátima, idade não informada - São Raimundo Nonato, 2024

Nazaré, 68 anos - Novo Zabelê, 2024

Zilda, 68 anos - Novo Zabelê, 2024

VISITAS AO ANTIGO ZABELÊ

Primeira: setembro de 2024

Segunda: novembro de 2025 (dia de finados)

